



PASQUIM FEMINISTA

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES

ANO VI

PASQUIM FEMINISTA
Publicação da
COLETIVA FEMINISTA GSEX
ANO VI- N°1

Data de fechamento: 31/01/2026

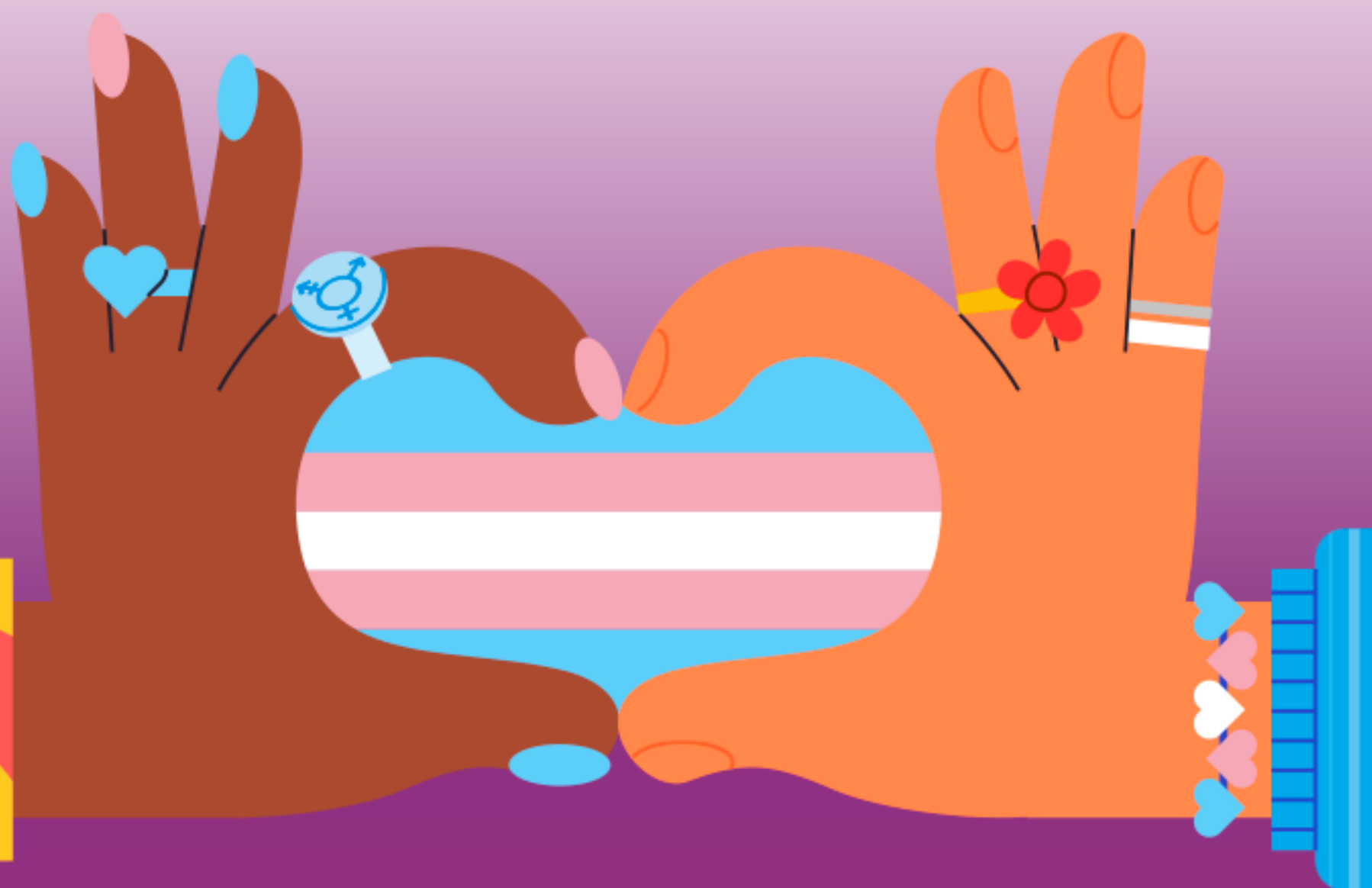
Maria Meire de Carvalho
Coordenadora do projeto

Ana Gabriela Colantoni

Revisoras do projeto

Ana Carola Cavalcante

Design e Diagramação gráfica



Amor entre mulheres: poética da liberdade

por: Sinara Carvalho de Sá

Há um pequeno estrondo de luz quando percebo que posso amar outra mulher. É uma liberdade que chega mansa, devagar. Amar uma mulher é aprender nomes de coisas que antes são óbvias: a orientação do rosto ao sorrir, a direção dos olhos, o respirar quente e doce, a maneira dela ajeitar o cabelo quando pensa alto, a maneira como guarda o silêncio quando o mundo pede barulho. É também descobrir espaços onde o afeto se aninha — um banco de praça, uma fila de cinema, a mesa do bar ali onde sempre tocou samba. E é saber que, ao segurar a mão dela, gesto singelo, gesto-mapa: indica caminhos, abre portas, afasta medos, desenha sonhos, realiza desejos.

Liberdade, aqui, não é ausência de medo. É, antes, coragem de seguir adiante mesmo com o ruído das vozes que insistem em reduzir nossa alegria. Liberdade é escolher com quem compartilhar o pão e os segredos, o tempo, a cerveja, o samba, e possuir a audácia de dizer em voz alta o Nome do amor, sem pedir permissão. Há dias em que o mundo responde com leveza. Saímos de mãos dadas, e o mundo se contém para observar e ouvir, marcar o compasso: lento, firme, insistente do coração.

Noutras graças, o ar pesa; há olhares que medem, e palavras que tentam encaixar nossa história em caixas pequenas, vagas, incompletas... Nesses dias, amar é também ato de resistência.

O que me encanta é que essa liberdade ensina a ser inteira. Amar outra mulher traz consigo uma intimidade que coleta e amplia ao mesmo tempo: compartilhamos memórias, sonhos, medos; transformamos rotinas em rituais; inventamos pequenas revoluções. E nas manhãs tranquilas, quando o sol invade o quarto, reconheço que a liberdade mora nos detalhes.

Há também poesia nesses gestos. O samba que toca na sala vira trilha sonora da cumplicidade; letras antigas recuperam significados novos quando cantadas a duas. Há versos que parecem escritos para nós, refrões que embalam a coragem de permanência. Nós inventamos paisagens: um abraço que vira horizonte, um beijo que desenha mapa, o rio que é cama, o cerrado que nos guarda.

Amar outra mulher, é fazer da casa um lugar sem cercas, da rua um palco de afeto, do corpo uma casa sem trancas.

Amar outra mulher é, portanto, também um ato de coragem: saber o que se quer, dizer o que se sente, escolher o caminho com os olhos sensíveis e abertos. É cantar alto sem pedir licença. E, sobretudo, é entender que a liberdade — essa que bate leve na janela — se concretiza na promessa cumprida de, sermos, finalmente, quem sempre fomos.

Sinara Carvalho de Sá. Vilaboense, Quilombola.
Agente Cultural.
Doutoranda em PPGGEA/UnB.
Mestra em História, PROMEP - UEG.
Especialista em Patrimônio, Direitos e Cidadania- UFG.
Graduada em Geografia UEG.



Não era pra eu estar aqui

por: Ariel Luz Rodrigues - *Psicanalista, Terapeuta Integrativa, Especialista em Neuropsicanálise e Logoterapia.*

Desde cedo, o mundo mostrou que pessoas como eu, diferentes do esperado pela sociedade patriarcal, aprendem rápido que existir é desobedecer. Antes mesmo de entender quem sou, já estava me defendendo, tentando caber onde não pertencia. Como muitas pessoas LGBTQI+, minha infância foi marcada por dor, medo e violências profundas. Cresci aprendendo mais a sobreviver do que a viver.

Com o tempo, vieram os amores, ou o que eu achava que era amor. Aceitei pouco, confundi intensidade com cuidado, aguentei o que não devia, me moldei demais, me perdi demais. No fundo, ainda existia aquela criança tentando provar que merecia ficar. Envelhecer sendo mulher trans se tornou mais um desafio. Cresci sem futuro, ouvindo que nossa expectativa de vida era curta, que não existia “depois”. Isso não era só medo, era estatística e realidade.

A maioria das que vieram antes de nós não chegou. Foram assassinadas, silenciadas, apagadas. Muitas nem nome deixaram, outras foram enterradas com nomes que não eram seus. Muitas não têm fotos; as minhas, por exemplo, foram rasgadas pela família quando eu era Drag Queen. Muitas não viraram memória, viraram buracos na história. Mas algumas chegaram. Existem mulheres trans de 70 e muitos anos andando por aí como milagre e testemunho. Elas são nossa ancestralidade viva. As que não chegaram são nossa ancestralidade ferida, mas foram elas que abriram os caminhos.

Nossa história não começou agora. Ela foi interrompida, repetidas vezes. Quando chego aos 47, não chego sozinha. Carrego nomes que nunca pude aprender, ocupando um lugar que era para estar cheio de velhas contando histórias, dando conselhos, rindo da nossa cara. O corpo muda, o mundo muda. Vem o etarismo, vem uma solidão estranha. Essa sensação de não pertencer, nem ao mundo que sempre rejeitou, nem aos espaços que celebram só a juventude, nem às histórias que nunca nos deixaram herdar.

Cuidar da criança interior ajuda, mas não é a linha de chegada. Continuar viva, para nós, sempre foi e sempre será um ato político. Em algum momento, entendi que a pergunta não era mais “como eu me salvo do mundo?”, mas “como eu honro quem não pôde ficar?”. Amar não é ser ingênua, é não deixar que a violência vire identidade. Às vezes, amar começa simples: cuidar da própria vida, dormir, comer, dizer não, ir embora quando precisa, ficar sozinha sem se abandonar. Nossa ancestralidade sempre soube: sobreviver já era espiritualidade. Cuidar umas das outras sempre foi resistência. Bem-viver é existir sem pedir desculpa por existir.

Eu não virei quem eu “deveria”. Virei quem deu. Virei quem ficou. E talvez o sentido da vida seja só não deixar que o mundo termine o trabalho que começou contra nós. Aos 47 anos, continuar aqui não é só sobrevivência. É continuar abrindo caminhos, mesmo sem saber se tem alguém ouvindo, ou se haverá lugar para mim no amanhã.



Síndrome de Ophélia": aprisionamentos silenciosos da submissão, da obediência e da angústia das mulheres*.

por: Maria Meire de Carvalho - professora da UFG, coordenadora da Coletiva Feminista GSEX e da Pasquim Feminista.

A motivação do presente texto se faz pelo crescente sucesso musical da cantora Taylor Swift com a canção "The Fate of Ophelia" ("O Destino de Ophelia"). A música faz uma referência à personagem da peça "Hamlet", escrita por William Shakespeare entre 1599 e 1601.

Para início de conversa trago algumas indagações fundamentais para a nossa reflexão: Quem poderá salvar Ophelia? Porque as mulheres continuam à espera para serem escolhidas? Será que as mulheres estão salvas da "Sina de Ophelia" quando estão se sentindo amadas?

Para prosseguir com a nossa reflexão traremos um pouco sobre o que já foi dito sobre Ophelia, a bela jovem dinamarquesa filha de Polônio, um nobre senhor da corte do Rei Cláudio, a "donzela" que carregava a possibilidade de ser desposada como a esposa do príncipe Hamlet, retratada pela literatura, inicialmente, como sonhadora e depois como louca. Vemos que a existência de Ophelia é marcada pelo rigor patriarcal heteronormativo, sua personagem se rende à obediência ao pai, à vigilância do irmão e ao pré-determinado destino de ser a amada de Hamlet.

Segundo a peça trágica de Shakespeare, Ophelia enlouquece quando seu pai, Polônio, é assassinado por seu amado, Hamlet. A partir desse momento ela é descrita como uma jovem perambulante que, aleatoriamente, colhe e distribui flores às pessoas. Nesse ínterim entre a angústia, a tristeza e a loucura, ela morre afogada em um lago.

Pelo enredo de Shakespeare, podemos perceber que a "Sina de Ophelia" não está somente nessa literatura vetusta, mas ela é atual, é espelho de muitas mulheres, talvez, por isso essa música ganhou o apreço social.

Neste texto, Ophelia não é um destino dado, mas sim um alerta às mulheres que estão cansadas da repetição dessa história, que estão exaustas com os estereótipos da mulher delicada, sensível, criada para obedecer, silenciada das suas escolhas. Aqui Ophelia é um arquétipo e como na canção, Ophelias estão suplicando para serem salvas das amarras patriarcais e escolherem seu próprio destino. Aqui elas estão fugindo do destino de se afogarem seus silêncios, suas falas, suas obediências, suas tristezas e suas dores.

O texto nos convida a buscar nossas próprias escolhas, a viver intensamente a mulher que escolhemos ser, sentir, expressar, amar.

Ophelias não suportam mais serem reprimidas, submissas, afogadas, anuladas para manter uma relação amorosa convencional, engolidas pela submissão social imposta - tentando caber, onde não lhe cabem mais. Não permitamos que Ophelias se afoguem e sejam visibilizadas pela dor!



BIG “BROTHER” BRASIL: O REALITY QUE TRANSFORMA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM ENTRETENIMENTO

por: Izabela Lopes Jamar - Advogada Criminalista Feminista. Especialista em Sistema de Justiça Criminal pela UFSC. E-mail: izajamar@gmail.com

O Big Brother Brasil se consolidou como um dos maiores produtos de entretenimento da televisão brasileira, mas seu impacto social vai muito além da diversão. Ao longo de suas edições, o reality tem reiteradamente transformado o machismo, a misoginia e a violência contra mulheres em elementos narrativos toleráveis, quando não lucrativos.

Entre festas, provas patrocinadas e paredões emocionais, a violência simbólica, psicológica e sexual deixa de ser exceção e passa a integrar o espetáculo, sendo relativizada como conflito de jogo, excesso de álcool ou simples mal-entendido. O confinamento cria um ambiente propício à reprodução de desigualdades estruturais.

Mulheres são constantemente vigiadas, julgadas e responsabilizadas por comportamentos e reações, enquanto homens têm seus limites ultrapassados suavizados por narrativas de imaturidade ou impulso. Quando uma mulher diz não, sua palavra é frequentemente questionada; quando um homem avança, sua intenção é colocada em debate. Essa lógica reproduz fielmente a cultura do estupro presente na sociedade brasileira. A edição do programa e a reação do público reforçam esse cenário. Situações de violência raramente são nomeadas de imediato, sendo transformadas em polêmica ou entretenimento. Mulheres que denunciam são rotuladas como exageradas, desequilibradas ou estratégicas, enquanto seus agressores recebem oportunidades de redenção pública. O paredão, nesse contexto, assume um papel simbólico de punição feminina, eliminando quem rompe o pacto do silêncio.

Os patrocinadores, por sua vez, sustentam financeiramente esse modelo ao silenciar diante de episódios graves, revelando que o compromisso com pautas de igualdade termina quando confronta lucro. Não existe entretenimento quando se normaliza a violência. Um programa com alcance massivo carrega responsabilidade ética proporcional à sua influência. Enquanto o BBB seguir tratando a violência contra mulheres como narrativa aceitável, o que será eliminado, edição após edição, não será apenas um participante, mas a dignidade sexual das mulheres dentro e fora da casa. Não existe entretenimento quando a violência é normalizada. Não existe diversão quando o corpo e a subjetividade das mulheres são tratados como território disponível à invasão. Um programa que atinge milhões de pessoas diariamente carrega uma responsabilidade ética proporcional ao seu alcance. Ignorar isso é escolher o lucro em detrimento da dignidade humana.

Entre paredões e patrocinadores, quem segue sendo eliminada é a dignidade sexual das participantes e das espectadoras. Enquanto a violência contra mulheres continuar sendo tratada como narrativa aceitável de entretenimento, o BBB continuará sendo menos um jogo e mais um retrato cruel de uma sociedade que ainda se diverte com a dor feminina.



Mar Oculto da Mulher Sertaneja

por: *Leticia Barbosa Pereira é graduanda em Filosofia- UFG.*
Email: *Leticiaapereira2@discente.ufg.br*

Ao ler Lágrimas de Portugal, de Fernando Pessoa, sinto-me navegar no meu eu mais oculto. É um poema capaz de nos transformar a cada leitura. Aqui, detenho-me no tema que me impulsiona escrever: a liberdade, sem perder de vista o contexto cultural, do qual essa reflexão emerge, e que tanto revela de mim mesma através de Pessoa.

O extremo interior goiano destoa de tudo que não é simples e tradicional ao povo sertanejo. Nossa tradição se forma tanto pelos causos contados quanto pelo gesto observado na prática diária. O sertanejo expressa sua cultura na paixão pelo campo, na observação das estrelas, na presença atenta ao próprio corpo, capaz de perceber a chuva próxima, e na reunião familiar em torno de histórias e canções antigas. Há uma relação calma e admirável com a terra, apesar de suas duas estações intensas: a seca e a chuva.

Contudo, viver próximo da natureza não implica liberdade mais satisfatória. Ainda que não haja horários rígidos ou performances urbanas, existem papéis de gênero bem definidos e olhar comunitário constante. O gênero torna-se determinante no modo de existir. Nesse sentido, a autenticidade não é plena, pois qualquer resistência às funções estabelecidas pode gerar forte represália social.

Viver sem uma voz para além da função é reduzir-se ao invisível, às vezes até para si mesma. Muitas vezes me percebi com o olhar vago, direcionado ao que tinha movimento, enquanto permanecia em uma espécie de inércia interior, sem sonhos permitidos. Minha avó se preocupava; eu dizia estar, apenas, pensando. Mas, na verdade, tentava ir além da dor, além do trabalho excessivo e da disciplina opressiva que me retirava o direito de existir por completo.

O Bojador era, para os navegadores portugueses do século XV, o limite intransponível do mundo. Quando Pessoa escreve “quem quer passar além do Bojador / tem que passar além da dor”, não se refere apenas à ambição geopolítica, mas à travessia interior de todos nós que desejamos ir além. Mesmo sem sermos portugueses, conhecemos a profundidade do mar que emerge de nós e de seus limites aparentes.

Eu sonhava alcançar um mundo que apenas ouvia dizer que existia. Parte de mim já não pertencia àquelas raízes, embora as amasse. Meus pés descalços, atitudes um pouco “masculinas” e cabelos desgrehados falavam por mim aquilo que, ainda, não podia ser dito pela palavra: não há consciência sem o anseio pela liberdade de ser tudo o que se é. E isso transbordava meu ser.



O REFLEXO QUE NÃO PEDI

por: *Janaina Borges de Azevedo Franca - Doutora em Ciências Agrárias/Agronomia.*
E-mail: *janainaborgesdeazevedofranca@gmail.com*

Definitivamente, o ano passado eu quase morri, mas este ano eu não morro. Quantos desafios, batalhas e conquistas. Então, decidi me dar uma calça jeans na cor rosa de presente. Não me julguem, amo cores, principalmente animalier, dourado e verde ácido. Ao experimentar a calça, que havia pedido do número costureiro, serviu. Me olhei com espanto: seria o modelo da calça? Não. A calça se adequou ao meu corpo porque a vendedora, sabiamente, havia me entregue o meu real tamanho e coube como uma luva, modéstia à parte. Ao sair do provador, ela disse: "Seu número estava errado, trouxe a calça do seu tamanho, deu certo." Então, olhei no espelho novamente, me assustei, me orgulhei e me emocionei o quanto poder ser livre para escolher o que usar me fez bem. E refleti o que eu poderia dizer ao eu do espelho, aquele novo reflexo. Penso que seja a mesma pergunta que Platão fez à caverna, fora do contexto filosófico ou em outras palavras e eras.

Voltando ao espelho, vejo que ele devolve o meu reflexo físico, mas carrega sombras e imagens que não são só minhas. Cada reflexo traz consigo uma história. Às vezes, reflete a alma; em outras vezes, reflete o olhar do outro. É aí que começa o paradoxo. Eu cresci dentro de uma caverna de rótulos. Prematura, orgulhosamente com seis meses, magrela e depois a mocinha de rosto bonito que "só precisava emagrecer", mas a referência, nunca, o meu nome.

Com a maternidade, engordei trinta quilos e tinha, então, um corpo que já não respirava, não agachava, não subia escadas. Optei, então, por orientação médica, por fazer a cirurgia bariátrica, que naquele momento não era estética, mas a oportunidade de sair da caverna. Naquele momento de julgamentos por ser o caminho fácil... não, nunca foi e não é. Só quem passa por dores, sabe o que é cada degrau dessa escada contra a obesidade. Alguém me disse algo realmente verdadeiro: perder peso não dissolve problemas. O mundo não se move porque o seu corpo mudou. Essa frase foi luz, não porque conforta, mas porque não ilude.

Seis anos depois, iniciei a minha primeira cirurgia reparadora, para sobreviver às dores do excesso de pele. Será que Platão se referia a essa dúvida: o que nos espera após sair da caverna? Eu entendi isso em um dia comum no comércio da minha cidade. Meu reflexo era insignificante. Eu não tinha um nome próprio. Escutar frases como "Você não mora mais aqui?" ou "Como você está bonita, magra" me fez pensar: então eu era feia? Na minha caverna, continuo sendo sombra projetada na parede: antes gorda, agora magra demais, sempre em transformação. Mas o meu reflexo nunca era eu. O corpo veio antes do nome, como um item obrigatório no CPF: gorda, magra, bonita, feia.

Quem define a forma correta da minha imagem? O meu espelho ou o reflexo projetado pelo outro? Aprendi a me amar gorda e a me amar magra. Sempre usei roupas nas cores oncinha, dourado e canetinha marca-texto em qualquer corpo que habitei. A vaidade, quando é minha, não é prisão, é escolha. O verdadeiro engano não está no corpo, mas na crença coletiva de que existe um padrão aceitável de beleza e, conseqüentemente, de humanidade. Talvez sair da caverna não seja quebrar o espelho, mas parar de confundir sombras com verdade. Não é a opinião alheia que deve iluminar meu reflexo. Eu tenho espelho em casa.



FEMINICÍDIO E O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BRASIL

por: Sônia Maria Alves da Costa - Advogada, Professora Universitária Voluntária, Doutora em Direito, Estado e Constituição-UnB.

A Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha-LMP), em agosto/2026, completará 20 anos. Considerada uma das melhores do mundo, é extremamente importante para as dimensões conceituais e para mensurar as violências contra as mulheres, em especial a violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial, bem como estabelecer as diretrizes de políticas públicas e os mecanismos legais para prevenir e enfrentar a violência de gênero, cuja dimensão se configura como manifestação das relações de poder, do machismo estrutural e relações historicamente desiguais. Esses fatores exigem a prevenção, o enfrentamento e a erradicação, especialmente através de políticas públicas integradas entre a União, as Unidades Federativas e cada um dos 5.570 municípios brasileiros, cuja implementação e fortalecimento dessas políticas exige a pactuação do enfrentamento a todas as formas de violência contra as mulheres e meninas e a erradicação do feminicídio.

Nesse sentido, além do aprimoramento da LMP, marco histórico relevante, ao longo dos anos a legislação foi se aprimorando e, em 10 de março de 2015, foi promulgada a Lei 13.104/2015, que alterou o artigo 121 do Código Penal, para prever o feminicídio (assassinato baseado no menosprezo ou discriminação à condição feminina), como qualificadora e o artigo 1º da Lei 8.072/1990 para incluir no rol dos crimes hediondos. E, mais recentemente, a Lei 14.994/2024, tornou esse crime autônomo e com pena mais rigorosa, com pena entre 20 a 40 anos de reclusão e, ainda, inseriu agravantes e restrições para a progressão de regime.

Assim, menciona-se uma breve evolução do arcabouço legal no enfrentamento à violência de gênero em nosso país, mas as estatísticas de feminicídios no Brasil tem crescido de maneira deletéria e no ano de 2025, noticiou-se 1.470 feminicídios, o que resulta, em média, quatro (4) mulheres assassinadas por dia no Brasil pela condição de ser mulher (<https://www.fenae.org.br>). Nenhum feminicídio pode ser tolerado, mas essa dimensão, nesse patamar descomunal, de condição epidêmica de crime desta natureza, brutal e impactante, pela crueldade e a crescente violência contra as mulheres nesta condição letal e em outras dimensões, em patamares jamais enfrentado em nosso país.

Essa situação é reflexo de diversos fatores, em especial da cultura machista, da misoginia reiterada, do retrocesso nas políticas de direitos humanos e prevenção à violência de gênero - incluído o desmonte do Ligue 180 no período de 2019 a 2020 -, bem como a escalada do armamentismo, especialmente a flexibilização do acesso à armas de fogo, notadamente os CAC's (colecionador, atirador desportivo e caçador) e segue refletido na representação do Congresso Nacional mais conservador da história do nosso país, que ameaça e promove retrocessos legais e as dificuldades de compromisso no enfrentamento, com vistas a erradicação da violência de gênero em nosso país, que envolve todos os poderes do Estado brasileiro, com ênfase no executivo, legislativo, no sistema de justiça e segurança pública.



cor-agem de usar tranças: racismo escancarado nas ruas da Cidade de Goiás.

por: Karoline Vitoria Aguiar de Sousa - estudante do curso de Pedagogia da UFG, Campus Goiás. Email: karoline.aguiar@discente.ufg.br karolinevads@gmail.com

Quando penso no movimento de trançar, penso em continuidade, a mesma continuidade que as nossas ancestrais deixaram conosco. Para além da estética, as tranças carregam símbolos sociais, estados civis, hierarquias, a nossa relação com a espiritualidades e ciclos da vida, em diversos países do continente Africano e etnias isso é percebido como o povo Bantu.

As tranças são milenares, mas o colonialismo não. Essa aversão à tranças e dreads não necessariamente tem a ver com gostos pessoais, mas sim com projetos, propagandas e discursos que são contra a população negra. Um projeto articulado, para ditar o que é bonito, e o que não é. Neste momento, quero compartilhar um caso de racismo que sofri no dia 01/01/2026. O que deveria ser um momento de confraternização entre amigas, na Rua do Encontro, transformou-se em palco para a prática de um crime inafiançável, conforme a Lei nº 7.716/1989, Lei do Crime Racial.

Uma mulher branca, com seu esposo e três crianças no carro passaram e proferiram comentários racista contra a minha pessoa, se referindo às minhas tranças. Não satisfeita, me esperou sair da Rua do Encontro, passou pela Beira Rio, novamente cometendo o ato covarde de racismo em alto tom, sem medo ou preocupação. Penso, que essa liberdade para cometer um ato de racismo tão nojento, venha justamente das falhas na justiça do Brasil, nas leis que surgem em detrimento da população negra e na minimização dos crimes de racismo no Brasil. Como exemplo, trago a cantora Ludmilla, que vem processando um apresentador do SBT, desde do ano de 2017, mesmo com seu poder aquisitivo, ela vem lutando a anos contra o racismo, judicialmente.

Mas o que esperarmos de uma população que, ao ver um homem negro com grilhões nos braços, não apenas relativizou a violência, como também defendeu o autor do crime e ainda pagou uma suposta "indenização", na qual nunca irá substituir a dignidade desse homem negro. Bell Hooks, em seu livro "O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras", no capítulo 3, "A sororidade ainda é poderosa", traz reflexões importantes sobre o movimento feminista e sobre a apropriação e a oportunização desse movimento por mulheres brancas. Além disso, evidencia que as lutas feministas precisam considerar as particularidades das mulheres negras e refletir sobre de que forma o feminismo deve emancipar todas as mulheres, sem permitir que o sexismo interligado ao patriarcado interfira nessas lutas.

A autora também aponta a necessidade de transformarmos a maneira como nos socializamos com outras mulheres, pois a rivalidade e a inveja, e no meu caso, o ato criminoso cometido de uma mulher branca, para a outra, produzidas pelo patriarcado e racismo, não beneficiam nenhuma de nós, beneficiam apenas o próprio patriarcado, que nos coloca umas contra as outras. Esse ato racista, me lembrou uma frase potente da bellhooks, "enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo." (hooks, p. 23).

Nesse relato e reflexão, sigo em luta por justiça e por equidade racial e de gênero, na esperança de que, um dia, nós, mulheres negras, quilombolas, indígenas, mulheres trans, travestis, ribeirinhas e ciganas, possamos não apenas resistir e sobreviver, mas transitar em uma sociedade livre de quaisquer formas de violência, especialmente aquelas que se reproduzem entre nós, mulheres.



Metade de um homem

por: Rafaela Cavalcante G. S. Melo - Doutoranda em História - UFG

Email: rafaelamelo@discente.ufg.br

O centauro de Saramago (1994) não nasce monstro: nasce dividido. Não é metade homem e metade cavalo, mas um corpo que nunca coincide consigo. O pensamento, vem depois do gesto; a vergonha, depois da fuga. Ele existe em trânsito, condenado ao movimento, como se ao parar fosse se desfazer. Durante anos, aspira batalhas. Sempre vence; sempre é aplaudido. Nada permanece. O sonho não constrói futuro, apenas repete a violência que o mantém vivo. Quando o sonho totaliza, ao chegar à terra natal, o mundo fica perigosamente silencioso. É então que surge a mulher. Ela o vê, nomeia o que ele é, diz que existe. E, no gesto mais radical do conto, diz: “Cobre-me”. Não há engano, nem medo, nem submissão. Há um desejo dito em voz alta. Mas o desejo, quando exige presença, divide o centauro. Possuir seria ficar, seria ficar, seria responder. Ser inteiro. Ele não fica. Corre.

Antes de partir, pediu: “Não me queiras mal”. Não é pedido de perdão, é pedido de esquecimento. Quer que o ato não pese, que o desejo não cobre, que a mulher absolva aquilo que ele não consegue sustentar.

Depois, ela chora, levada por homens que não perguntam o que quis. Mesmo sem violência consumada, o mundo a transforma em ferida. O centauro morre longe, cortado no ponto exato em que homem e cavalo se encontram. Só então é um homem inteiro. Tarde demais.

Esse masculino que o conto expõe não é o do domínio tranquilo, mas o da circunstância, que confunde força com fuga, liberdade com ausência de vínculos, movimento com sentido. Ele existe apenas enquanto atravessa territórios (físicos, históricos, míticos) e se desfaz quando é convocado a permanecer. Por isso não suporta ser visto: o olhar do outro fixa, dá contorno, exige resposta. O centauro carrega o peso de uma virilidade que nunca amadurece, sempre armada para a guerra e despreparada para o encontro. Seu corpo poderoso é também sua condenação, porque nele não há espaço para a demora, para o cuidado, para a construção. Em Saramago, o masculino que não aprende a habitar o mundo, que não aprende a ficar só encontra unidade quando já não pode mais escolher.

Este artigo de opinião é resultado parcial do projeto financiado pelo CNPq, Chamada 14/2023 América: histórias, patrimônios e saberes comparados.

O cansaço nosso de cada dia não nos dá nada

por: Karine Rodrigues - Jornalista e Mestra em Comunicação, Mídia e Cidadania
Email: krodriques4@gmail.com

Quem já era adulto na virada de 1999 para o ano 2000, além do bug milênio, uma das principais discussões da época eram o que definiria o novo século/milênio, e um dos apontamentos era que a depressão seria o mal século. Hoje, 26 anos depois a depressão, a ansiedade, o pânico nos deixam doentes, mas pouco têm se falado do cansaço nosso de cada dia. Ter tempo para dedicar-se a si mesmo, virou artigo de luxo e só quem é rico tem tempo para desacelerar.

Mas aos poucos vozes na multidão começam a chamar a atenção para um cansaço antigo e sempre tido como resultado do cumprimento de obrigações: o cansaço da mulher. Quando nasce uma menina, principalmente se for nas classes menos favorecidas economicamente, nasce uma adolescente cansada e uma futura mulher cansada. Isso porque, esta adolescente se tiver oportunidade de estudar, ela certamente precisará conciliar a escola com os trabalhos domésticos divididos com a mãe, logo precisará conseguir um emprego de aprendiz para ajudar na própria despesa e na da família, e ao atingir a maioridade precisará encarar a rotina de trabalho, estudo e as tarefas domésticas.

É claro que existem exceções, porém a realidade da maioria das brasileiras é assim ou muito pior. É um cansaço invisibilizado, que não tem fim e nem trégua. Mas há ainda quem diga que depois de idosa e aposentada, a mulher descansa, que engano! No mínimo vira cuidadora dos pais se ainda tiverem vivos, do companheiro ou da companheira, uma faz tudo dos filhos – pois tem tempo livre e se aposentou –, e babá dos netos, se os tiver. Enquanto estamos economicamente ativas, ou seja, em idade de trabalhar, somos domésticas, babás, motoristas, cuidadoras, cozinheiras, professoras, segurança, entre outras tantas funções que exercemos. Enfim, a não ser que esteja impossibilitada por alguma limitação física ou mental, a mulher sempre terá trabalho para fazer.

No livro “Mulher não são chatas, mulheres estão exaustas”, a doutora em Direito Internacional e escritora Ruth Manus, diz que ser mulher e estar exausta não é um pleonismo, e não é mesmo. O cansaço que nós mulheres acumulamos ao longo das décadas de vida, não diminui e só aumenta, porque a cada década de vida, também acumulamos novas funções e obrigações, tanto pessoais quanto profissionais. Quando a mulher é pobre ela tem duas, três, quatro jornadas por dia ou quantas ela der conta. Se a mulher é mais abastada ela é multitarefas. E qual o resultado de tudo isso?

No livro “A Sociedade do cansaço”, o autor Byung-Chul Han diz que “O cansaço profundo afrouxa as presilhas da identidade. As coisas pestanejam, cintilam e tremulam em suas margens. Tornam-se mais indeterminadas, mais permeáveis, e perdem certo teor de sua decisibilidade”, (Han, 2024, p.48). Ou seja, uma pessoa cansada, perde a noção de quem é, do que está fazendo, perdem o foco e o poder de decisão. Não tem o lado bom do cansaço, seja para mulheres pobres ou não. No fim do dia, todas estamos do mesmo jeito: cansadas e tão exaustas que pedimos pra parar.



**COLETIVA
FEMINISTA
GSEX**



acompanhe nossas redes

  @coletivagsex